

REFERENCIAÇÃO EM *TWEETS* JORNALÍSTICOS

Jaqueline Barreto Lé¹

Se concebermos a linguagem como atividade social, histórica e cognitiva, o essencial é acharmos uma forma de analisar as atividades sociais, históricas e cognitivas realizadas no ato de dizer.

(MARCUSCHI, 2004, p. 264)

INTRODUÇÃO

A passagem da *referência* à *referenciação*, na história dos estudos linguísticos, pressupõe o entendimento da linguagem enquanto atividade social, histórica e cognitiva, uma vez que envolve o tratamento da referência não mais como etiquetagem entre palavras e entidades do mundo real, mas sim como processo de mobilização dos sentidos a partir de operações/estratégias cognitivas e socio-discursivas que sinalizam o texto enquanto lugar de interação.² Partindo dessa

¹ Agradeço, na escrita deste capítulo, à Profa. Dra. Vera Lúcia Paredes Silva, pelo especial exemplo de dedicação e excelência acadêmica, pelos encontros e diálogos sempre enriquecedores, pela generosidade e presença na orientação da minha tese de Doutorado, no período de 2008 a 2012. Em minha trajetória pessoal e profissional, a passagem pelo Rio de Janeiro, e especificamente pela UFRJ, sob a sua orientação, foram decisivos na formação docente e atuação como pesquisadora em uma instituição federal de ensino superior.

² Os filósofos da Escola de Oxford, cujas primeiras contribuições surgiram a partir de 1930, já apontavam a referência como um modo de intervir na realidade, e não meramente como etiquetagem entre as palavras e as coisas. Segundo essa perspectiva, “o uso da linguagem é uma forma de ação no real e não uma simples maneira de descrever a realidade que se observa. Ao se examinar a linguagem, está se examinando a própria experiência do real” (MARCONDES, 2004, p. 36).

premissa, Mondada e Dubois (2003) defendem que os referentes são dinamicamente construídos no (e pelo) evento comunicativo, constituindo-se, pois, em *objetos do discurso*. Assim, em vez de se privilegiar a relação entre as palavras e as coisas, desvia-se o foco para as relações intersubjetivas no discurso (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 22).

De um modo geral, pode-se dizer que a direção assumida pelas abordagens sociodiscursivas da linguagem se resume na seguinte afirmação de Marcuschi (2004):

Tudo indica que o melhor caminho não é analisar como representamos o que representamos, nem como é o mundo ou a língua, e sim que processos estão envolvidos na atividade de referenciação em que a língua está envolvida. Não vamos analisar se o mundo é ou não discretizado nem se a língua é um conjunto de etiquetas ou não. Vamos partir da ideia de que o mundo e o nosso discurso são constantemente estabilizados num processo dinâmico levado a efeito por sujeitos sociocognitivos e não sujeitos individuais e isolados diante de um mundo pronto. (MARCUSCHI, 2004, p. 270).

Já há algum tempo, na literatura da Linguística Textual, a referência deixou de ser abordada exclusivamente sob o prisma da correferencialidade entre dois ou mais elementos pontuais da superfície textual, passando a ser concebida como processo mental que envolve, também, ações inferenciais, indiretas, na apreensão das entidades do discurso.³

Nesse sentido, pretende-se, aqui, abordar os processos de referenciação em práticas comunicativas da esfera jornalística em meio digital, tomando como base a noção de anáforas indiretas postulada por Marcuschi (2005), bem como a proposta de reclassificação das anáforas indiretas apresentada por Lé (2012). Entre essas práticas, serão considerados especialmente os *tweets* da página oficial do jornal *Folha de São Paulo* no Twitter (@folha), por se tratar de um gênero que carrega em si algumas especificidades no que tange aos mecanismos referenciais.

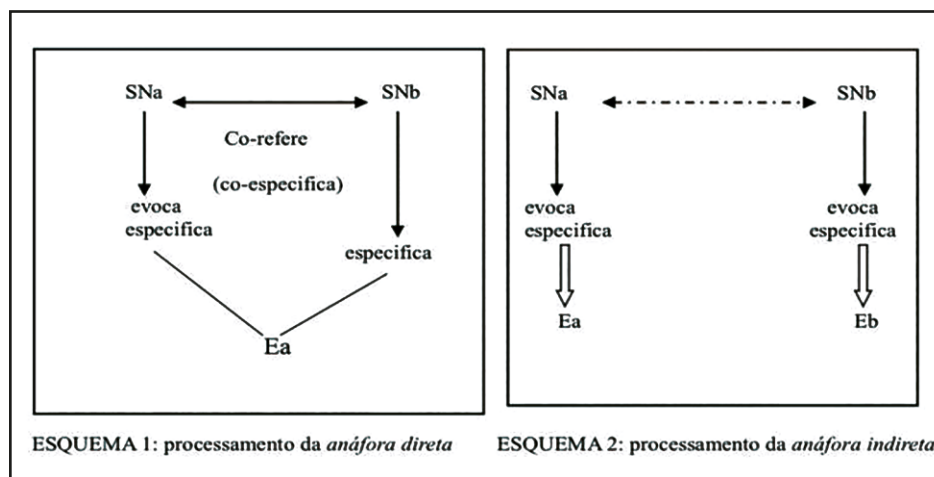
TIPOLOGIA DAS ANÁFORAS INDIRETAS E UMA PROPOSTA DE RECLASSIFICAÇÃO

Cavalcante (2003) destaca que as expressões referenciais podem ser divididas em dois grandes grupos: (a) *expressões sem continuidade referencial*, que

³ Na visão clássica de Halliday e Hasan, em *Cohesion in English* (1976), o processamento anafórico era visto, sobretudo, a partir da noção de retomada, estando vinculado, de um modo geral, à correferencialidade entre dois ou mais elementos da superfície textual. Em oposição a essa visão clássica, e principalmente com base no grupo das anáforas associativas que já não se vinculavam a retomada cotextual, Marcuschi (2005) estabelece a distinção entre anáforas diretas e indiretas.

apresentam exclusivamente a função de introduzir referentes novos no discurso; (b) *expressões com continuidade referencial*, que podem apresentar ou não uma retomada cotextual, a depender das estratégias de ativação de referentes novos ou reativação de referentes já mencionados no discurso. Nesse segundo grupo incluem-se, segundo a autora, todos os casos de processamento anafórico, com ou sem retomada. Quando a continuidade se dá por meio de processos inferenciais e sem envolver uma correferência, trata-se, segundo Marcuschi (2005), de um caso de *anáfora indireta*.

Ao comentar a diferença de processamento entre *anáforas diretas e indiretas*, Marcuschi (2005, p. 57) menciona que, no primeiro caso, um sintagma nominal (*SNa*) evoca e especifica um referente ou entidade (*Ea*), sendo que um outro sintagma, *SNb*, apenas correferre ou coespecifica, mas não introduz um novo referente. Já no segundo caso, o das anáforas indiretas, tanto o *SNa* como o *SNb* evocam e especificam um referente próprio, representado, respectivamente, por uma entidade (*Ea* e *Eb*), porém a relação entre os dois não é aleatória, estando fundamentada cognitiva e discursivamente por algum tipo de associação ou inferência. Vejam-se, a seguir, os dois esquemas inspirados na classificação de Webber (1988) adotados por Marcuschi (2005, p. 57).



Nos exemplos (1) e (2), apresentados a seguir, estabelece-se facilmente a distinção entre os dois tipos de processamento mencionados.⁴

⁴ Todos os exemplos apresentados neste capítulo correspondem a tweets jornalísticos publicados no perfil @folha, Twitter oficial do jornal *Folha de São Paulo*, no período de 28/08/20 a 15/09/20. Este perfil é de domínio público, podendo ser livremente acessado pelos leitores do jornal (assinantes ou não da versão digital).

(1)



(2)



Em (1), a relação anafórica é direta, por retomada pronominal, envolvendo correferencialidade com um antecedente explícito (O governador interino do Rio). Já em (2), há ativação de referente novo (creche) ancorada em um elemento cotextual (gravidez), sem implicar retomada ou igualdade de referentes. Tem-se, aí, uma associação indireta, pautada em modelos mentais relacionados ao esquema cognitivo gravidez-creche, a partir do qual se depreende o referente com base em conhecimentos enciclopédicos do leitor.

Uma vez compreendida a natureza específica de cada um dos processos aqui apontados, chega-se, finalmente, a uma definição provisória de anáfora indireta sugerida por Schwarz (2000) e adotada por Marcuschi (2005, p. 59), a qual parece dar conta mais amplamente do fenômeno em questão.

No caso da *Anáfora Indireta* trata-se de expressões definidas [e expressões indefinidas e pronominais] que se acham na dependência interpretativa em relação a determinadas expressões ou informações constantes da estrutura textual precedente [ou subsequente] e que têm duas funções referenciais textuais: a introdução de novos referentes (até aí não nomeados explicitamente) e a continuação da relação referencial global. (MARCUSCHI, 2005, p. 59).

O aspecto da *tematização remática* (SCHWARZ, 2000), embora não esteja diretamente apontado na definição acima apresentada, é outro traço importante das anáforas indiretas, já que as mesmas promovem, de certo modo, uma estratégia simultânea de *ativação-reativação* na continuidade do domínio referencial. Esse recurso, obviamente, se distingue da simples reativação correferencial de um antecedente explícito, tal como ocorre nas anáforas diretas. O exemplo (2)

evidencia essa característica dos processos indiretos de referenciação. Nota-se que há a ativação de um referente novo (*creche*) cuja identificação está atrelada à reativação de referentes previamente apresentados no cotexto (*gravidez na adolescência*), sem que necessariamente se estabeleça um laço correferencial. Em outras palavras, apresenta-se algo novo (*tema*), mas que indiretamente se associa a elementos já dados (*rema*) na superfície textual.

Assim, Marcuschi (2005, p. 60), baseado em Schwarz (2000), afirma que as principais características dos processos de referenciação indireta podem ser assim resumidas: (a) inexistência de uma expressão antecedente ou subsequente para retomada e presença de uma âncora; (b) ausência da relação de correferência entre a âncora e o elemento anafórico, dando-se apenas uma estreita relação conceitual; (c) a interpretação anafórica se dá com uma construção de novo referente (ou conteúdo conceitual) e não como uma busca ou reativação de referentes prévios por parte do receptor; (d) a realização da anáfora indireta se dá normalmente por elementos não pronominais, sendo menos comum a sua realização pronominal.

Se o estudo da anáfora indireta corresponde a um verdadeiro desafio teórico nos estudos de referenciação, grande parte de tal dificuldade se deve à imprecisão ou à oscilação na tarefa de determinar quais os tipos ou subtipos válidos para essa forma de processamento anafórico. Sendo assim, servirão aqui como ponto de partida os seis subtipos definidos por Marcuschi (2005), a fim de se apresentar, posteriormente, a reclassificação proposta por Lé (2012), que contempla um reagrupamento desses subtipos em apenas três classes principais: as *anáforas associativas*, as *anáforas esquemáticas* e os *encapsulamentos*.

Apoiado em Schwarz (2000), Marcuschi (2005) adota a divisão das anáforas indiretas (AI) em dois grupos principais: *tipos semanticamente fundados* e *tipos conceitualmente fundados*. Com base nesses dois grandes grupos e fazendo algumas reformulações na classificação apresentada pela autora, ele chega a seis subtipos básicos: (a) *AI baseadas em papéis temáticos dos verbos*; (b) *AI baseadas em relações semânticas inscritas nos SNs definidos*; (c) *AI baseadas em esquemas cognitivos e modelos mentais*; (d) *AI baseadas em inferências ancoradas no modelo do mundo textual*; (e) *AI baseadas em elementos textuais ativados por nominalizações*; (f) *AI esquemáticas realizadas por pronomes introdutórios de referentes*.

O subtipo (a), *AI baseadas em papéis temáticos dos verbos*, representa uma associação indireta pautada nos papéis temáticos dos verbos, que servem como âncora do processamento anafórico. Na realidade, funda-se diretamente na

relação semântica entre o verbo e os seus argumentos, como se vê no exemplo (3), no qual o verbo *operar* apresenta um de seus argumentos com papel de instrumento, servindo como âncora para a expressão definida o blog *Sobre Trilhos*.

(3)



O subtipo (b), *AI baseadas em relações semânticas inscritas nos SNs definidos*, segundo o autor, está relacionado às relações meronímicas inscritas no léxico (relações parte-todo), bem como às conexões por hiponímia, hiperonímia e os campos léxicos. Em (4), a associação indireta, por hiperonímia, se estabelece no léxico por meio da relação semântica entre *os guardiões* (âncora) e *tropa de intimidação*.

(4)



No caso das *AI baseadas em esquemas cognitivos e modelos mentais*, subtipo (c), o que promove a continuidade referencial é a série de modelos ou *frames* mentais estabilizados e armazenados na memória de longo prazo, ativados pelos interlocutores por ocasião do processamento discursivo. Embora não estejam ligados a itens lexicais específicos, tais modelos podem ser ativados pelo léxico, servindo como um mecanismo de ampliação de conhecimentos semânticos.⁵ No exemplo (5) há, por via metafórica, a ativação de um esquema associativo relativo às expressões nominais *um câncer* e *metástase*, as quais formam um *frame* mental a partir do qual se depreende(m) o(s) sentido(s) do texto.

(5)



As *AI baseadas em inferências ancoradas no modelo do mundo textual*, que se incluem no subtipo (d), estão ancoradas em informações explicitadas no modelo do mundo textual precedente. “Trata-se de anáforas fundadas em conhecimentos retrabalhados por estratégias inferenciais maximizadas pelo conjunto

⁵ Adota-se, neste estudo, o termo *frame* para fazer referência a modelos cognitivos, tal como entendido por Koch (2004), em sua abordagem da virada cognitivista da Linguística Textual. Segundo a autora, eles podem ser caracterizados “como estruturas complexas de conhecimento, que representam as experiências que vivenciamos em sociedade e que servem de base aos processos conceituais. São frequentemente representados em forma de redes nas quais as unidades conceituais são concebidas como variáveis ou slots, que denotam características estereotípicas e que, durante os processos de compreensão, são preenchidos com valores concretos (fillers)” (KOCH, 2004, p. 23). Ela admite, no entanto, que, sendo originários ora da Psicologia da Cognição, ora da Inteligência Artificial, esses modelos recebem, na literatura, denominações diversas, a saber: *frames*, *scripts*, *cenários*, *modelos mentais*, *modelos episódicos* ou de situação etc. (KOCH, 2004, p. 22).

de conhecimentos textuais mobilizados” (MARCUSCHI, 2005, p. 64). Como não estão estritamente ligadas a relações semânticas inscritas no léxico ou a modelos mentais estabilizados, muitas vezes essas anáforas exigem um esforço cognitivo maior em seu processamento. O exemplo (6) ilustra esse subtipo de anáfora indireta, já que a interpretação da expressão definida *os vilões*, apresentada na imagem do *tweet* jornalístico, está ancorada no modelo de mundo textual (cenário de *retomada das aulas*). Nesse caso, o leitor precisa também ativar uma série de conhecimentos atrelados ao contexto situacional da pandemia, inclusive por meios inferenciais, gerando um relativo esforço cognitivo.

(6)



O subtipo (e), *AI baseadas em elementos textuais ativados por nominalizações*, envolve processos de nominalização que remetem a algum verbo ou a porções textuais inteiras que servem como âncoras para interpretação de uma determinada expressão referencial. Sendo um processo anafórico indireto, não há uma retomada de antecedentes pontualizados, mas sim a passagem de um verbo ou porção textual precedente para um nome, evocando-se um novo referente. Pelo seu potencial *encapsulador*, a nominalização *lato sensu* (ou *nomeação*) também inclui os *rótulos*, conforme destacam autores como Conte (2003) e Zamponi (2003). Sendo assim, embora esse aspecto não seja ressaltado em Marcuschi (2005), registra-se aqui a necessidade de se ampliar a percepção do fenômeno em questão, considerando essas anáforas indiretas como *encapsuladoras*, seja na forma de *nominalizações*, seja na forma de *rótulos*. Vê-se, em (7), que tal encapsulamento se dá por meio das expressões *esse conhecimento* e *a fala*, referentes a toda uma porção textual anterior que

remete, respectivamente, à habilidade das abelhas em aprender probabilidade e ao pedido do presidente aos donos de supermercados para que evitem alta dos preços de itens da cesta básica.

(7)



(8)



Por fim, as *AI esquemáticas realizadas por pronomes introdutores de referentes*, subtipo (f), embora menos frequentes, são anáforas realizadas através de pronomes sem antecedente explícito que se ancoram em algum elemento ou porção cotextual. Marcuschi (2005) também denomina esse subtipo de *anáforas esquemáticas*. Nesse caso, o trabalho inferencial é bastante sofisticado e depende dos conhecimentos de mundo ativados em função do processamento anafórico. Veja o exemplo a seguir, (9), em que o pronome *eles*, nos comentários do *tweet*, embora não tenha antecedente explícito, pode ter seu referente depreendido indiretamente por meio de informações da estrutura textual posterior e de conhecimentos socialmente partilhados pelos interlocutores. Assim, o pronome *eles* seria interpretado como um grupo mais amplo de autoridades, podendo se referir tanto aos empresários e responsáveis pelo gerenciamento do setor de turismo de Fernando de Noronha, quanto a autoridades políticas vinculadas a ações de combate à pandemia, mais especificamente aquelas que foram responsáveis pela reabertura do setor turístico na região. Trata-se, então, de um processo indireto, já que a interpretação pronominal não é direta e pontualizada no cotexto, sendo necessária a mobilização de conhecimentos prévios e ações inferenciais na construção textual do(s) sentido(s).

(9)



Como se vê, considerando-se os seis subtipos mencionados por Marcuschi (2005), as *anáforas associativas* constituem “parte substantiva” das *anáforas indiretas*, seja na sua concepção estreita, de caráter léxico-estereotipado (KLEIBER; SCHNEDECKER; UJMA, 1991) ou de natureza cognitivo-discursiva (CHARROLLES, 1994), seja na sua concepção ampla, adotada por autores como Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) e Berrendoner e Reichler-Béguelin (1995). De um modo ou de outro, Zamponi (2003, p. 73) assinala que “dizer que as *anáforas associativas* são *parte substantiva* das *anáforas indiretas* significa que toda *anáfora associativa* é indireta, mas nem toda *anáfora indireta* é associativa”.

Sendo assim, partindo-se de tal premissa, Lé (2012) sugere a classificação das *anáforas indiretas* em três grupos principais: (1) as *anáforas associativas*, que incluem todos os tipos de associação indireta, como aquelas ligadas aos papéis temáticos do verbo, às relações meronímicas instauradas no léxico, bem como aos modelos mentais estabilizados (*frames* ou *scripts*) ou aos modelos do mundo textual; (2) as *anáforas esquemáticas*, que correspondem aos casos de *anáfora indireta pronominal* sem antecedente; e (3) os *encapsulamentos*, que podem ocorrer por meio de nominalizações ou rótulos. O Quadro 1, extraído de Lé (2012, p. 31), ilustra a classificação e reagrupamento dos subtipos propostos por Marcuschi.

ANÁFORAS INDIRETAS		
<i>Anáforas associativas</i>	<i>Anáforas pronominais esquemáticas</i>	<i>Encapsulamentos anafóricos</i>
1 baseadas em papéis temáticos do verbo	1 anáfora pronominal sem antecedente explícito	1 nominalizações
2 baseadas em relações semânticas inscritas nos SNs		2 rótulos
3 ativadas por esquemas cognitivos ou modelos mentais		
4 ativadas por modelos do mundo textual		

Quadro 1- Proposta de classificação das anáforas indiretas.

Fonte: LÉ, 2012, p. 31.

Com essa proposta, considera-se que há uma diluição da linha tênue que separa alguns subtipos na proposta de Marcuschi, já que há na prática, segundo Lé (2012), uma relativa dificuldade de identificação de apenas um tipo de processamento anafórico, especialmente quando se trata dos subtipos (c) e (d) apontados por Marcuschi.

REFERENCIAÇÃO, ARGUMENTAÇÃO E INTERAÇÃO DISCURSIVA

Ao tratar a referenciação como atividade cognitivo-discursiva e interacional, Koch (2001) parte de três pressupostos básicos: (1) a referenciação é uma atividade realizada por sujeitos sociais; (2) os referentes são objetos do discurso construídos no decorrer dessa atividade; e (3) o processamento do discurso é estratégico e implica, por parte dos sujeitos ativos envolvidos na comunicação, a realização de escolhas significativas entre as múltiplas atividades que a língua oferece.

Considerando, ainda, o potencial argumentativo no uso das expressões nominais referenciais, Koch (2001, p. 76) assinala que, ao se colocar em ação a estratégia de descrição definida, “opera-se uma seleção entre propriedades passíveis de serem atribuídas a um referente, daquela(s) que, em dada situação discursiva, é (são) relevantes para o locutor, tendo em vista a viabilização do seu projeto de dizer”. Desse modo, assumindo tal perspectiva, a argumentação discursiva também pode, sem dúvida, ser acionada, reforçada e reestruturada por meio de estratégias referenciais. Esse aspecto é bastante claro em processos de continuidade referencial com retomada (*anáforas diretas*), mas também se dá,

ainda que em menor escala e de modo mais sutil, na atividade inferencial das expressões nominais sem retomada (*anáforas indiretas*). Em outras palavras, a ação de “referir” e construir um dado objeto do discurso é motivada, em última instância, pela imagem referencial que o falante pretende ativar discursivamente, envolvendo, certamente, aspectos histórico-sociais e ideológicos.

(10)



(11)



Como se observa nos exemplos (10) e (11), a recategorização das expressões nominais *Witzel* e *os guardiões* se dá pelo uso de uma expressão referencial com retomada (respectivamente, *sexto governador fluminense alvo de investigações criminais* e *os milicianos*) capaz de revelar uma orientação argumentativa do produtor do texto. Em se tratando de um discurso produzido na página do Twitter do jornal *Folha de São Paulo*, ambas as recategorizações tendem a sinalizar, de algum modo, a perspectiva ou ponto de vista do jornal ou do colunista, o que faz com que determinadas imagens ou enquadres sejam associados aos referentes em questão.

No entanto, não é só nos processos de referenciação com retomada que esse aspecto funcional das expressões nominais se manifesta. Há também, em alguns casos de referenciação indireta – em especial nas anáforas associativas e encapsuladoras –, um claro direcionamento argumentativo do falante nas escolhas lexicais que se dão na sua ativação dos objetos do discurso, como se nota em (12) e (13). E, uma vez que tal construção nunca é unilateral, o entendimento/uso dessas estratégias precisa ser continuamente ratificado e testado pelos interlocutores.

(12)

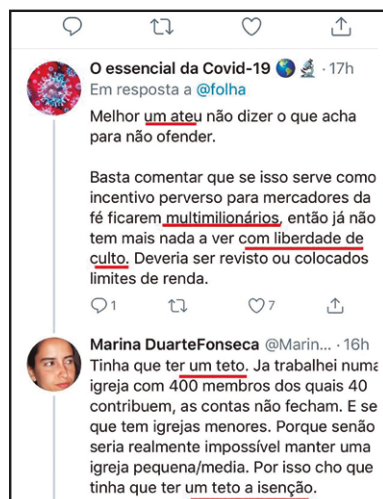


(13)



Os encapsulamentos vistos em (12) e (13) sugerem um processo indireto de referenciação por meio das expressões *informações falsas* e *obra de longa construção*. No primeiro caso, a orientação argumentativa está direcionada para o conteúdo informacional situado posteriormente (ou cataforicamente) na cadeia cotextual (expresso no vídeo apresentado no tweet), indicando, por parte do jornal, um posicionamento de denúncia das *fake news*. No segundo exemplo, a expressão *obra de longa construção* também resume ou rotula toda uma ação posteriormente elaborada na superfície textual, assumindo valor argumentativo através de modificadores como *de longa construção*. Além desses encapsulamentos catafóricos, as anáforas associativas igualmente podem, no conjunto das anáforas indiretas, revelar uma ação argumentativa estratégica em seu processamento, sobretudo no que concerne à seleção dos itens lexicais, conforme se verifica em (14). Em tal exemplo, a escolha de expressões referenciais também não é gratuita, indicando dois esquemas associativos a partir dos frames *igreja-atéu-mercadores da fé-liberdade de culto* e *isenção de impostos-multimilionários-limites de renda-um teto*, de forma que os cenários relativos aos planos religioso e tributário são ativados cognitivamente. O uso das expressões *mercadores*, *liberdade*, *isenção*, *limites* e *teto* na ativação dos referidos modelos mentais reforça o direcionamento argumentativo apresentado no *tweet* jornalístico e nos comentários dos leitores.

(14)



De um modo geral, pode-se dizer que o processamento anafórico – enquanto atividade cognitivo-discursiva e interacional – implica o reconhecimento de ações estratégicas por parte de sujeitos ativos que, por meio de suas escolhas referenciais, terminam por conduzir, direta ou indiretamente, a argumentação discursiva. Mesmo em textos curtos como aqueles encontrados no Twitter, com 280 caracteres, nota-se que as redes referenciais (com ou sem retomada) são frequentemente acionadas com vistas aos propósitos comunicativos do falante e contribuem para o potencial multifuncional das expressões nominais.

É preciso ter em mente, claro, que interação discursiva se dá na construção de sentidos mediados pelos interlocutores da comunicação, sempre pautada em pontos “instáveis” e “dinâmicos” da teia referencial. Desse modo, o processamento de referentes, com ou sem retomada, não só diminui a sua “a instabilidade constitutiva” (MONDADA; DUBOIS, 2003), mas também expande o seu potencial funcional por meio dos sentidos ativados discursivamente. Sem a colaboração mútua dos interlocutores, as estratégias de argumentação, por exemplo, não seriam reforçadas pela depreensão dos objetos do discurso e, conseqüentemente, os propósitos comunicativos teriam de ser revistos.

EXPRESSÕES REFERENCIAIS E ESCOLHAS LEXICAIS

Segundo Koch (2001, p. 83), no uso de expressões nominais referenciais, a escolha do nome-núcleo do sintagma nominal e/ou de seus modificadores vai ser um fator responsável pela orientação argumentativa do texto. A autora divide o

nome-núcleo em cinco categorias: *genéricos*, *metafóricos*, *metonímico* ou *meronímico*, *introdutor clandestino de referentes* e *metadiscursivo*. Além disso, menciona a seleção dos qualificadores, dividindo-os em *modificadores axiológicos positivos* e *negativos*.

A seleção de um *nome-núcleo genérico* se dá, com bastante frequência, nas nominalizações ou rotulações de sequências textuais anteriores (ou posteriores), podendo este ser dotado de carga avaliativa (KOCH, 2001, p. 83). É o que se verifica em (15), por meio da expressão genérica *solução*, que encapsula informações do cotexto posterior da mensagem. Como se verifica, em ambos os casos, a expressão nominal utilizada possui carga avaliativa, contribuindo para a orientação argumentativa do autor no que diz respeito às crises política e ambiental do país.

(15)



O uso de um *nome-núcleo metafórico* nos processamentos anafóricos pode apresentar, igualmente, função argumentativa, já que por vezes ele assume grande carga avaliativa. O exemplo dado em (16) retrata essa propriedade dos referentes, já que o uso da expressão *os exércitos de vândalos da floresta* está associado a uma avaliação negativa da política, por meio de uma relação metafórica.

(16)



Pode haver, também, um direcionamento da argumentação discursiva quando se utiliza um *nome-núcleo metonímico* ou *meronímico* na cadeia referencial (KOCH, 2001, p. 84). Em geral, esse tipo de nome-núcleo acompanha as anáforas associativas, mais especificamente aquelas do segundo tipo descrito por Marcuschi (2005). Como se vê em (17), o termo *um país em chamas* estabelece uma relação meronímica, por hiperônimo, com *Pantanal*. Nesse processamento anafórico, evidentemente, exige-se por parte dos interlocutores um conhecimento de mundo compartilhado, contextualizado, a partir do qual se pode depreender a ligação parte-todo na associação inferencial entre *país em chama* e o descaso do governo com relação aos crimes ambientais, sendo a carga avaliativa claramente identificada.

(17)



Introdutores “clandestinos” de referentes também podem funcionar, conforme Koch (2001, p. 85), como nomes-núcleo que conduzem a argumentação textual. Um breve exemplo desse tipo de processamento pode ser visto em (18), na associação que é realizada por meio da expressão *seu eurocentrismo racista, sexista, patriarcal, homofóbico e transfóbico*, ancorada na informação cotextual anterior (*descolonização*). Percebe-se, nesse caso, um nível inferencial bastante sofisticado, de vez que não só elementos da superfície cotextual são acionados, mas também conhecimentos enciclopédicos, compartilhados entre os interlocutores.

(18)



Outra classe de nome-núcleo destacada por Koch (2001, p. 85) é o nome *metadiscursivo*, que promove a recategorização de referentes por meio de formas metalinguísticas ou metadiscursivas (FRANCIS, 1994, apud KOCH, 2001, p. 85). Entre tais formas, a autora menciona: (1) nomes ilocucionários (*promessa, conselho, asserção, crítica, proposta* etc.); (2) nomes de atividades “*linguageiras*” (*descrição, explicação, relato, debate* etc.); (3) nomes de processos mentais (*análise, suposição, opinião, conceito, avaliação* etc.); (4) nomes metalinguísticos em sentido próprio (*frase, pergunta, questão, sentença, palavra* etc.); e (5) denominação reportada, que corresponde a uma citação de termos ou expressões fazendo-se uso de aspas de conotação autonímica. A seguir, em (19) e (20), apresentam-se dois exemplos de seleção de referentes realizada através de nomes-núcleo metadiscursivos, os quais, direta ou indiretamente, também sustentam a direção argumentativa pretendida pelo autor. Em (19), a carga avaliativa do nome metadiscursivo está associado a processos mentais (*concepções toscas*), ao

passo que em (20) o mesmo aspecto pode ser observado através da denominação reportada *'fiscal do Sarney'*, que tem conotação autonímica.

(19)



(20)



Por fim, Koch (2001, p. 86) destaca o papel da *seleção dos qualificadores* nas expressões referenciais, considerando a sua relevância para a argumentação discursiva. Ela divide tais qualificadores em marcadores axiológicos *positivos* e *negativos*, os quais assumem claramente uma carga avaliativa no processamento textual-discursivo. Os dois exemplos vistos em (21) refletem esse aspecto funcional dos qualificadores das expressões referenciais utilizadas. No primeiro exemplo, há o modificador negativo *vergonhosa*, que reforça a carga avaliativa do referente, apontando para o modo como o plebiscito foi conduzido. Já na expressão *melhor opção*, um modificador positivo foi utilizado para realizar um questionamento que reforça o posicionamento anteriormente apresentado, fazendo com que a orientação argumentativa seja controlada e os objetos do discurso, avaliados (no caso, a expressões nominais *Plebiscito* e *futuro do Minhocão*).

(21)



Pelo que foi exposto até aqui, nota-se claramente que a função de recategorização argumentativa pode sim ser realizada, nos processos de referenciação, apenas por meio do nome-núcleo ou pelo acréscimo de modificadores axiológicos (positivos ou negativos). “O discurso, à medida que alimenta a memória discursiva, fornece uma representação de seus estádios sucessivos, particularmente formatando as expressões referenciais, que nesse sentido, operam como chaves (*clues*)” (KOCH, 2001, p. 87).

Tal representação, assim, pode ser modificada e manipulada na dinâmica discursiva, sendo as expressões referenciais, certamente, “um dos lugares onde a manipulação é não só possível como visível”. Dizendo de outra forma e concordando com Koch (2001), as expressões referenciais (com ou sem retomada) não apenas “referem”, mas também sugerem, orientam e ressignificam as representações discursivas, revelando uma multifuncionalidade que contribui para a argumentação e para o embasamento de pontos de vista dos interlocutores.

ASPECTOS DA REFERENCIAÇÃO NO GÊNERO *TWEET*

Presente nos principais portais jornalísticos nacionais desde 2009, o gênero *tweet* corresponde hoje a uma das práticas comunicativas mais recorrentes no jornal digital. Como destaca Lé (2012), ao se manifestar no domínio jornalístico, ele representa uma nova forma de acesso ao conteúdo online, apresentando semelhanças e diferenças com o já conhecido blog. Também se assemelha ao planejamento de notícias, já que, no perfil oficial do jornal no Twitter, também tem o papel de levar ao leitor as principais notícias do dia, mas em outro ambiente, conectado

hipertextualmente ao portal jornalístico. Considerando que atualmente muitos leitores do conteúdo jornalístico são também usuários do Twitter, “esse gênero aproxima ainda mais o jornal ao seu público-alvo, divulgando as notícias muitas vezes antes de qualquer outro canal de informação *online*” (LÉ, 2012, p. 137).

No que diz respeito à referenciação, Lé (2012, p. 163) aponta cinco aspectos que parecem interessar particularmente à análise dos processos referenciais em *tweets* jornalísticos, quais sejam: (1) extensão dos *tweets*; (2) uso de RTs (*retweets*); (3) mensagem aos interlocutores por meio de link no formato @___; (4) criação de etiquetas (*hashtags*) por meio de link no formato #___; (5) atualização da página *home* (*tweets*).

Extensão dos *tweets*

Uma das peculiaridades dos *tweets* – aspecto que os caracteriza como “microblog” – é o texto limitado em sua extensão (inicialmente a 140 caracteres e, posteriormente, a 280 caracteres). Isso obriga o produtor a exercer a sua capacidade de síntese, postando mensagens essencialmente curtas e objetivas. Em termos de processamento anafórico, essa característica do microblog traz, também, algumas consequências para a atividade textual-discursiva. Um texto de 280 caracteres não dá margem a longas cadeias referenciais e, muitas vezes, a depreensão dos objetos do discurso ocorre hipertextualmente, por meio de links. Como se verifica em (22), o referente da expressão *veto de Bolsonaro* é interpretado por via hipertextual, já que no *tweet* o leitor precisará recorrer ao link que dá acesso à notícia para depreender o referente e saber propriamente de qual veto se trata. Como os *tweets* têm um limite de até 280 caracteres, a cadeia referencial (e inferencial) é então ampliada no hipertexto.

(22)



Uso de *retweets* (RTs)

O recurso do RT na página do Twitter corresponde ao encaminhamento de uma mensagem ou do que já foi postado anteriormente e que o produtor deseja tornar visível em sua página principal. O RT equivale a um recurso de citação ou intertextualidade, que, no Twitter, vem sempre acompanhado da autoria do *tweet* repostado. Inicialmente, era apenas realizado por meio da indicação da sigla RT antes da mensagem a ser redirecionada, mas logo se tornou uma função hipertextual a partir do botão *retweet*. Ao clicar no botão *retweet*, automaticamente todo o conteúdo era repostado na *timeline* do usuário. Atualmente, ainda mais sofisticado, o *retweet* pode ser feito de três formas: (1) retuitar, quando se reposta automaticamente todo conteúdo de um *tweet*; (2) retuitar com comentário, opção que permite ao usuário retuitar e, ao mesmo tempo, comentar o *tweet*; e (3) reagir com *fleet*, que permite ao usuário retuitar no *fleet*, um espaço de mensagens rápidas, disponíveis apenas por 24h no Twitter, semelhante ao *story* no Instagram.

Quanto à referenciação discursiva, Lé (2012, p. 164) lembra que o RT mostra-se relevante por indicar muitos referentes anafóricos que só podem ser recuperados hipertextualmente, por meio de links, ou, quando se trata de um RT com resposta, pode estabelecer uma cadeia referencial no próprio *tweet*. É o que se pode notar em (23), no *tweet* que foi retuitado pelo leitor, já que a expressão *esses pobres perseguidos pelo establishment corrupto* tem a sua interpretação atrelada à informação apresentada cotextualmente, estabelecendo relação com referentes apresentados no *tweet* repostado (*Flávio, filho de Bolsonaro*). Desse modo, percebe-se que a estratégia do *retweet* possibilita a recuperação (direta ou indireta) de várias cadeias referenciais, uma vez que aquilo que é postado antes pelos interlocutores é apresentado novamente no novo *tweet*, podendo, nos comentários, ser retomado e/ou recategorizado.

(23)



Outra característica importante desse recurso, no que se refere ao processamento anafórico, é que o “antecedente” (para as anáforas diretas) ou “âncora cotextual” (para as anáforas indiretas), do ponto de vista cronológico (sequencial), pode deixar de ocupar a posição canônica *anterior* na cadeia cotextual, já que, ao usar RT, o usuário do Twitter muitas vezes apresenta a mensagem encaminhada em posição posterior à sua resposta ao interlocutor. Em (23), por exemplo, a âncora do referente da expressão nominal *esses pobres perseguidos pelo establishment corrupto* vem depois, no texto do RT (*Flávio, filho de Bolsonaro*), o que comprova essa flexibilidade no posicionamento do anafórico.⁶ Caso o RT não fosse utilizado, esse aspecto também poderia aparecer hipertextualmente, por meio de links de acesso à *timeline* que apresentariam o antecedente ou a âncora em posição não canônica, a posteriori. De um modo ou de outro, é garantida, aí, a continuidade referencial.

Identificação dos interlocutores por meio do formato @_____

Os interlocutores no Twitter são apresentados e identificados por meio de expressões no formato @_____, que correspondem, ao mesmo tempo, a um link da cadeia hipertextual que pode ser acessado a qualquer instante. Sendo assim, em se tratando de referência, um link associado a uma expressão no formato @_____ é o que abre espaço e dá margem a uma série de informações

⁶ Tem-se, em (23), um exemplo extraído do perfil de usuário de um leitor de jornal, o qual retuitou a o *tweet* apresentado no perfil @folha. Considera-se, assim, que os *retweets*, assim como os comentários, fazem parte do perfil oficial do jornal, que é de domínio público.

co(n)textuais relevantes ao processamento discursivo, ampliando as possibilidades de retomadas hipertextuais ou de associações indiretas de toda ordem. Em (24), o perfil da colunista Vera Iaconelli pode ser acessado por meio do link @vera_iaconelli, no qual se encontra o conteúdo da matéria mencionada no *tweet*, que trata de educação sexual na infância.

(24)



Criação de etiquetas (*hashtags*) por meio de link no formato #_____

O formato de expressão #_____ é usado no Twitter para criação de um assunto ou nome-etiqueta (*hashtag*) que será mencionado de modo recorrente por vários usuários. A partir do momento em que é criado, ele funciona hipertextualmente como mecanismo de busca para todas as mensagens com a mesma *hashtag*. No que toca à sua importância para o processamento referencial no discurso, pode-se dizer que, do mesmo modo que o formato @_____ usado para identificação de interlocutores, uma etiqueta ou *hashtag* corresponde, literalmente, a um link aberto para informações relevantes à continuidade referencial no discurso. Conforme se vê em (25), as *hashtags* #pedoflix e #CancelFlix são mencionadas pelo colunista como forma de manifesto nas redes, em oposição ao filme *Lindinhas*, da Netflix. Assim, elas servem como um link que dá acesso hipertextualmente a uma lista de tudo o que foi dito no Twitter sobre o assunto – o protesto relativo à exibição do filme *Lindinhas*, na Netflix, e à erotização infantil. Como a escolha das expressões nominais revela sempre uma orientação argumentativa (KOCH, 2001), pode-se dizer que o uso da expressão “pedoflix” na *hashtag* indica, de alguma forma, a intenção dos usuários em assumir um

posicionamento contrário à erotização na infância, ainda que, conforme destacado pelo colunista Tony Goes, muitos deles sequer tenham visto o filme e não tenham notado que não se trata, propriamente, de uma apologia promovida pela Netflix. Em suma, percebe-se que esse recurso também é capaz de sinalizar as porções textuais que assumem relevância para a continuidade referencial no discurso.

(25)



Atualização da página *home*

A atualização da página *home* no Twitter é o modo pelo qual seus usuários podem ter acesso a todas as mensagens daqueles que constam na sua lista *following*. Assim, é por meio dela que podem, também, ser engatilhadas as cadeias referenciais dos seus próximos posts, ao responder aos *tweets*, direta ou indiretamente, ou simplesmente ao ler os *tweets*. É, sobretudo, a lista de mensagens na página *home* que permite que o usuário do Twitter, como leitor, interprete co(n)textualmente as cadeias referenciais, estabelecendo, sem dúvida, as inferências necessárias ao seu processamento.

Enfim, pelo que foi até aqui observado, pode-se dizer que o Twitter, enquanto gênero digital relativamente novo no domínio jornalístico, apresenta algumas propriedades estruturais interessantes ao estudo da referenciação, tais como o limite de 280 caracteres, o uso de RTs ou *retweet*, a identificação dos interlocutores por meio do formato @_____, a criação de etiquetas ou *hashtags* e, ainda, a atualização da página *home*. A esses cinco aspectos apresentados em Lé (2012), podemos atualmente acrescentar, de acordo com a composição

estrutural mais recentes dos *tweets*, mais dois aspectos que, sem dúvida, também influenciam os processos de referenciação presentes nesse gênero: (a) os recursos multissemióticos que permitem a inserção de imagens, vídeos e gifs; e (b) as enquetes realizadas em *tweets* por meio de recurso hipertextual. Esses dois aspectos certamente estão envolvidos não apenas na configuração tecnológica do gênero, mas também na sua configuração linguística, influenciando diretamente o processamento coesivo do texto. O espaço das cadeias referenciais nesse microblog interativo torna-se, assim, tema bastante produtivo em trabalhos de pesquisadores preocupados com aspectos funcionais do discurso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se considerar o gênero *tweet* uma prática comunicativa bastante recorrente no domínio jornalístico, torna-se relevante entender os processos de construção textual dos sentidos que estão envolvidos no ambiente digital, seja na reelaboração, seja na estabilização das atividades tecnolinguageiras.

Para compreender o fenômeno da referenciação em *tweets* jornalísticos, é necessário entender não só as cadeias referenciais diretas, que envolvem retomada e correferencialidade, mas também as anáforas indiretas, cujas âncoras permitem a apreensão dos objetos de discurso a partir de ações cognitivas complexas, pautadas em conexões inferenciais.

Em relação à orientação argumentativa presente nessas práticas, observa-se que as ações de referir e argumentar andam juntas, uma vez que a escolha dos referentes, no que toca ao nome-núcleo e aos qualificadores, é muitas vezes condicionada pelo projeto de dizer dos interlocutores, revelando seus posicionamentos e cargas avaliativas, mesmo em um gênero de caráter eminentemente expositivo como o *tweet* jornalístico.

Enquanto prática comunicativa, o *tweet* apresenta especificidades em sua composição estrutural que influenciam sobremaneira nos processos referenciais e inferenciais, em que atuam não só fatores linguísticos e sociocognitivos, mas também as funções hipertextuais, de ordem tecnológica, presentes no meio digital. Como vimos aqui, há aspectos da composição dos *tweets* que sinalizam essa influência, a saber: o limite de 280 caracteres; o uso de *retweets*, com ou sem comentários; o mecanismo de busca de conteúdo por meio de *hashtags*; a identificação de usuários por meio do formato hipertextual @____; a atualização da página *home*; a inserção de imagens, vídeos e gifs, tornando os *tweets* cada vez mais multimodais; e a possibilidade de realizar enquetes hipertextualmente no próprio *tweet*.

REFERÊNCIAS

- APOTHÉLOZ, Denis; REICHLER-BÉGUELIN, Marie-José. Construction de la référence et stratégies de désignation. *In: TRANEL*. Vol. 23. Neuchatel. Institute de Linguistique de l'Université de Neuchatel. 1995. p. 227-271.
- BERRENDONNER, Alain; REICHLER-BÉGUELIN, Marie-José (eds.). Du syntagme nominal aux objets de discours: SN complexes, nominalisations, anaphores. *TRANEL*. Vol. 23. Neuchatel. Institute de Linguistique de l'Univesité de Neuchatel. 1995.
- CAVALCANTE, Mônica M. Expressões referenciais – uma proposta classificatória. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas. 44. Jan-jun 2003. p. 105-118.
- CHAROLLES, Michel. Anaphore associative, estéréotype et discours. *In: SCHNEDECKER, C. et al. (eds.) Le Anaphore Associative*. Paris: Klincksieck, 1994. p. 67-92.
- CONTE, Maria-Elisabeth. Encapsulamento anafórico. *In: CAVALCANTE, Mônica M.; RODRIGUES, Bernadete B.; CIULA, Alena. (orgs.) Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 177-190.
- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN. R. **Cohesion in English**. London: Longman Group Limited, 1976.
- KLEIBER, G., SCHNEDECKER, C., UJMA, L. L'anaphore associative, d'une conception a l'autre. *In: SCHNEDECKER, C., et al. (orgs.) L'Anaphore associative*. Paris: Librairie Klincksieck, 1991. p. 5-64.
- KOCH, Ingedore V. A referenciação como atividade cognitivo-discursiva e interacional. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. 41. Campinas-SP: IEL, 2001. p. 75-89.
- KOCH, Ingedore V. **Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- LÉ, Jaqueline Barreto. **Referenciação e gêneros jornalísticos: sistemas cognitivos em jornal impresso e jornal digital**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Letras. Rio de Janeiro-RJ, 2012.

MARCONDES, Danilo. **Filosofia Analítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

MARCUSCHI, L. A. Léxico: lista, rede ou cognição social? *In*: NEGRI, L.; FOLTRAN, M. J.; OLIVEIRA, R. P. de (orgs.). **Sentido e Significação**: em torno da obra de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004. p. 263-284.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. *In*: KOCH, Ingedore V.; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina. (orgs.) **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 53-101.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. *In*: CALVACANTE, M. M., RODRIGUES, B. B., CIULA, A. (orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.

O'REILLY, Tim; MILSTEIN, Sarah. **Desvendando o Twitter**. Trad. de Eduardo Fraguas. São Paulo: Digerati Books, 2009.

SCHWARZ, M. **Indirekten Anaphern in Texten**: Studien zur domangebundenen Referenz und Kohärenz im Deutschen. Tübingen: Niemeyer, 2000.

WEBBER, B. L. **Tense as discourse anaphor**. 1988. Disponível em: https://repository.upenn.edu/cis_reports/441/. Acesso em: 23 ago. 2020.

ZAMPONI, Graziela. **Processos de referenciação**: anáforas associativas e nominalizações. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da linguagem. Campinas-SP, 2003.

